

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

José Joubert Chaves
EDITOR

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SÉCULO

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA.

Redacção, administração, atelier de desenhos e oficinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa, 43 — LISBOA

PRIMEIRO ANO

SEGUNDA FEIRA, 18 DE ABRIL DE 1904

NUMERO 24



MANUEL PINHEIRO CHAGAS

Pinheiro Chagas nasceu em 12 de novembro de 1842. Foi filho de Joaquim Pinheiro Chagas e de D. Gertrudes Ramos. Foi o curso do Collégio Militar passando depois para a Escola do Exército e freqüentando ao mesmo tempo a Polytechnica. Sertorius graça em infantaria 16 a 12 de agosto de 1867. Foi promovido a alferez em julho de 1869, a tenente em agosto de 1883 e a capitão em 25 de junho de 1888. Estava na inactividade desde 1896, anno em que começou a absorverse nos seus trabalhos literários.

O nosso presente numero é dedicado a Pinheiro Chagas, cujo elogio histórico se devia fazer na sessão da Academia das Sciencias em 17 de abril, o que não se realizou em virtude da súbita doença de S. M. El-Rei. Fica no entanto já registada a nossa homenagem à memória do illustre escriptor.

As suas obras são inúmeras e todas d'um altissimo valor, destacando-se a sua *História de Portugal* em seu *Dicionário*, os seus romances *Tomilheira de Mel*, *Máscara Vermelha* e *Juramento da Inglaterra*, os poemas *Monólogo de Talífero* e *Drácula de Braga*, e os seus *Tratados de Letras*, os quais representam um enorme esforço intelectual subvertido no nosso país, onde os homens de letras são mal remunerados e por isso cedo perdem as energias.

CHRONICA

Atravez um culto

Foi há tres annos n'uma manhã luminosa e quente, pelo tempo das ciras, na estrada de Linda-a-Pastora, que eu quis recolher a impressão da vida de Pinheiro Chagas.

Pergunsei a um labroste, que passava á frente d'un carro de bois, pela moradia do escriptor o elle mostrou-me uma casa clara entre verduras n'um alto fronteiriço ás terras onde zumbia a labuta dos trabalhadores:

— Foi ali que viven algum tempo o sr. Chagas!

E por essa manhã de calor, a meio da estrada, olhei os campos onde os escravos se vergavam, senti a natureza n'uma expansão de luz toda feita para uma paz e n'um relance comparrei a vida do grande homem com esse trigo d'ouro acumulado na cira que luzia e se animava na bagagem gloriosa da qual se elevava um hymno ao trabalho; e sem querer, n'esta minha aancia de paralelos, equalizei o campo regado pelo suor dos homens a fecundar, a renascer, a enriquecer os lavradores com a obra excepcional, forte, soberba e grande com que Chagas, à maneira d'esses obreiros que eu via, enriquecia os livreiros e se sustentava amassando o pão como um simples trabalhador.

E lembrei-me n'um momento do que me narrou o meu editor, cujo pae editou alguns livros de Pinheiro Chagas:

Fóra por uma manhã encontrar o grande homem na sua casinha modesta de Santa Izabel, entrou para lhe pedir certo original que estava fazendo falta e viu-o curvado sobre a mesa de trabalho a acabar de almoçar; disse-lhe o que queria, elle sobreassentou-se, murmurou:

— Ah! é verdade, o original!...

Tomou uma pena, encheu com a sua letra minidinha e breve uns dez quartos de papel enquanto o almoço arrefecia, mas enchen-as de jacto, sem uma rasura, à pressa, cumprindo o seu dever, esquecendo o seu almoço.

Este traço d'aquella vida é o symbolo de toda ella!...

Foi dos que desdenham o talhado que não tenha sido ganho primeiro, foi dos que enriquecendo uma literatura olham em roda e só vêem o phantasma do triunfo, porque os cuidados da existência não lhes deixam ver a cér de rosa que a gloria tem,

Por isso, en, n'aquelle manhã de luz e de calor, a meio da estrada, olhando a casinha entre as verduras, o comparei sem querer a esses escravos que labutavam nos campos alheios, homens de razão e de justiça que quando mordem o pão já o ganham.

E lembro-me que nas noites, ao atravessar o caminho da aldeola, me vihpmna sere ao espírito o

Porta algemante negroz,
é ver se naus lyssas Lixituras,
em sepe de terra, em se andando,
Em et quetus juntas indumentas,
Em, o apontar Cupios latitudes,
é conquistar as tuas obscuras
Reais, e por ordem de destino
E impore Envarum e Constantino

Anselmo Pinheiro Chagas

Esta estrofe foi escripta por Pinheiro Chagas, para a grande edição manuscrita dos *Lixituras*, editada por occasião do tricentenario,

autor da *Margadinha* glorificado agora pela Academia.

Um dia destes fui á antiga casa do escriptor, aquela mesma casa de Santa Izabel onde elle escrevia as suas melhores obras e sahi de lá com a mais funda das impressões, porque vi na modestia a grandeza, vi na glória a simplicidade. Paire ainda ali alguma cousa d'esse espirito colossal que

após umas horas de trabalho sobre velhos livros de Linhagens ia escrever uma crónica de saber gaulês, que após uma investigação cuidada para o seu Diccionario, ia procurar um arrebiquo de linguagem para um romance, uma scena para uma peça, duas boutades para um artigo de fundo e que bem fundo feria.

E ao mesmo tempo lendo alguma da sua correspondencia particular, chegavam-me uma turma infinita por essa memoria ao notar como elle amava e como educava os filhos, esses homens e essas senhoras que hoje ali estão como afirmações dos principios de hora, de virtude e de bem que Pinheiro Chagas lhes ensinou. Iniciado na vida dos escriptores, que segundo a phrase de Castilho, applicada ao mesmo Chagas, fregem os miolos de noute para comereem de dia, não

sabia ao atravessar o quintalinho alegre onde elle passou muitas horas, se devia mais admirar o littoral se o homem cuja vida foi um alto exemplo, cujo nome resulga como uma constellação mas tambem com a candidez claridão mansa e doce d'uma gotilha d'orvalho como um symbolo da modestia e da honestidade.

Elle, cavando n'essa vinha das letras cujos fructos tecem travores amargas para os autores e summos perfumados e sacros de mel d'Hymeo para os editores e empregarios, soube glorificarse; elle, vivendo no seu lar, educando os seus filhos, tirando do cerebro filões d'ouro que lhe pagavam em vil cobre, soube divinizar-se.

Astro de luz propria e infinita faltou-lhe um ceu bem alto para se fixar e resplandecer.

*
Augusto de Mello, o actor que foi um grande amigo de Chagas, dizia-me quando lhe confessava a minha admiracão pelo escriptor:

— Se o visse... Oh! mesmo depois de morto lembra uma aguia!

Devia ser assim: uma aguia a voar n'uma terra de baixios, aguia a qual faltou um rochedo para fazer o seu ninho, aguia que andou muito perto dos homens a procurar com elles o sustento, domado por vezes mas sempre com o instincio de erguer o vôo para ir pairar nos ares, mais visinho do sol.

Eis o perfil do homem que a Academia glorificou e enalteceu n'uma apotheose tardia mas toda de justiça; cis a nota do escriptor que se um dia tiver a sua estatua deve ser modelada no marmore sobre a sua obra e de cabeça bem levantada para bem o definir.

E em baixo, no pedestal, as lettras d'ouras das consagrações só devem unir-se para se ler:

Homenagem da nação a Pinheiro Chagas que enriqueceu a litteratura, morreu muito pobre e soube ser muito honrado!

Elle approvaria a legenda, tenho a certeza, elle o homem que, vencendo, só tirou da vitória uma parte mingruda, elle o trabalhador coberto de gloria mas tão esmagado sob a tarefa como esses escravos que eu vi n'aquelle manhã de luz, calma, na era, diante da casinha de Linda-a-Pastora, onde Pinheiro Chagas viveu a vida dos simples á sombra dos louros das consagrações que não lhe deram para comer como para ali comem aquelles que elle não aceitaria para seus admiradores.

ROCHA MARTINS.

A Madame Pinheiro Chagas

LA FEMME

*La femme, l'idéal dont la raison s'envire,
 on la peignait souvent; nul n'avait pu la voir.
 Un peu prophétique emploiait donc ce livre;
 ce livre aux ris de vous, Madame, est un miroir.*

Solenne 5 Septembre 1863.

C. 0 9 2 1 7 2 2

Castilho foi padrinho de casamento de Pinheiro Chagas; no dia do casamento ofereceu a espessa do escriptor o livro *La femme*, de L. y Larcher, com a dedicatória da 1.ª pagina dictada e assinada pelo venerando cego.



A CADARÇO DE TRABALHO DE PINHEIRO CHAGAS, QUE PERTENCEU A GARRETT



MANUEL PINHEIRO CHAGAS
Retrato tirado aos 40 anos.



MANUEL PINHEIRO CHAGAS COM SEU FILHO ALVARO P. CHAGAS
E O VISCONDE DE ALEMQUER
Retrato tirado em grupo em 1888, em Vigo (Espanha)
pelo photógrafo amador Monteiro, vice-consul português em Vigo.



MANUEL PINHEIRO CHAGAS
Retrato tirado no Porto por ocasião do centenário
do Infante D. Henrique no qual foi representante do governo.



MANUEL PINHEIRO CHAGAS
Retrato tirado aos 22 anos, fardado de alferes graduado da infantaria 15.
Este retrato foi tirado quando casou. Veja na transcrição do Poema da Matrizidade.



MANUEL PINHEIRO CHAGAS
Retrato tirado 2 anos depois do casamento
Photo. Loureiro—Lisboa



MANUEL PINHEIRO CHAGAS
Ho raro tirado aos 26 anos, com seu filho o
mais velho.



MANUEL PINHEIRO CHAGAS
Retrato tirado aos 35 anos



MANUEL PINHEIRO CHAGAS COM SEU AMIGO
JÚLIO CÉSAR MACHADO



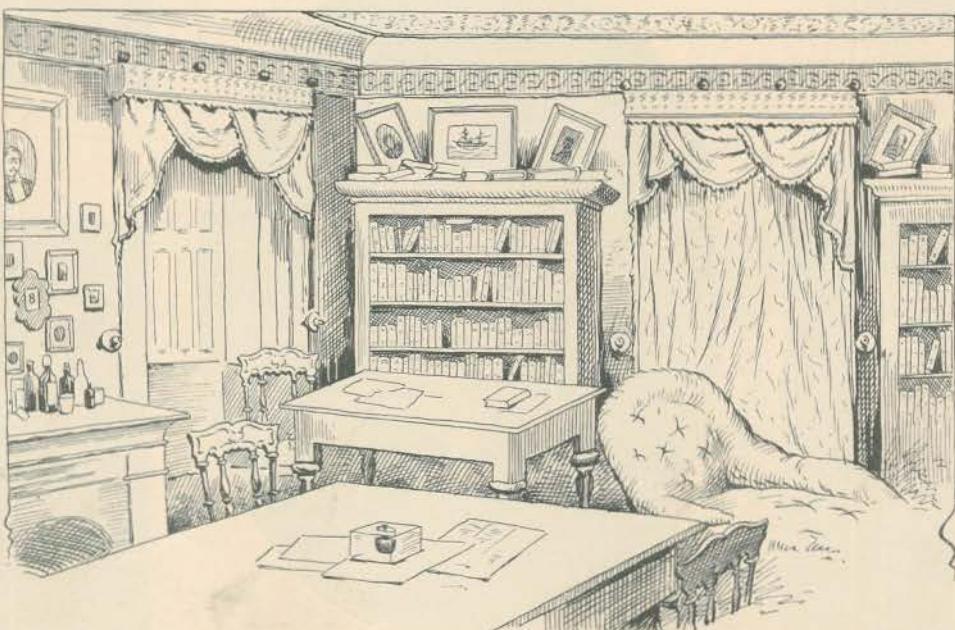
D. PEDRO V.

RETRATO OFERECIDO PELA SUA MAIOR CHAGAS, PELA SECRETARIA PARTICULAR E PELA D. MIGUEL CHAGAS
Erei D. Pedro V. oferecer ao pão de Chagas o seu retrato para lhe demonstrar a grande
afição que lhe tinha. Nossa occasão a infeliz rainha D. Estefânia também lhe oferece uma
das suas photographias com uma amável dedicatória, photographia que se perdeu.



HENRIQUE LOPEZ DE MENDONÇA

QUE FIZE O ELOGIO HISTÓRICO DE PINHEIRO CHAGAS NA REVISTA DA ACADEMIA
Nascido em Lisboa a 12 de fevereiro de 1856. Faz autor das peças *Domingo de Vizor; A morte
de Lourenço Afonso d'Albuquerque; Táctis Negro; etc.*, e dos romances *O Orfão de Calcatá; e
Terras de Santa Cruz*, e de várias monographias históricas de valor entre as quais se destacam
Estudos sobre gravuras portuguesas anteriores ao Século XIX e XVI e O Padre Fernando d'Óbidos e a sua obra.



O GABINETE DE TRABALHO DE PINHEIRO CHAGAS NA CASA DA RUA DO SALITRE—(Cópia d'un croquis tirado no dia da sua morte)

A casa que Pinheiro Chagas habitou durante muito tempo era na rua de S. Joaquim a Santa Isabel, n.º 25, residência actual de seu filho Alvaro. Foi um grande escritor, tendo-se mudado para a rua do Salitre, para a mesma casa onde faleceu Thomas Ribeiro, ali morreu em 8 de abril de 1895. Habitou também algum tempo em Linda-a-Pastora em casa do seu genro o sr. Jorge Verde, que fica a pouca distância da propriedade que Thomas Ribeiro possuía à entrada de Carnaxide junto da ermida da Senhora da Rocha.

MÁRIO PINHEIRO CHAGAS
ADVOGADO

Filho do escritor, nascido em 16 de junho de 1860, casado com D. Elisa Franco de Castro.



RAÚL PINHEIRO CHAGAS

CAPITÃO DE INFANTARIA 1º

Filho do escritor, nascido em 20 de agosto de 1865, casado com a sr.ª D. Clarisse Gonçalves Teixeira



FREDERICO PINHEIRO CHAGAS

ADMIRAL DE MARINHA

Filho do escritor, nascido em 7 de junho de 1882

2-Dezembro-1803



RICARDO PINHEIRO CHAGAS

GARÇON DE LIVROS

DA COMPANHIA AGROPECUÁRIA DO PARANÁ
Filho do escritor, nascido em 10 de julho de 1874



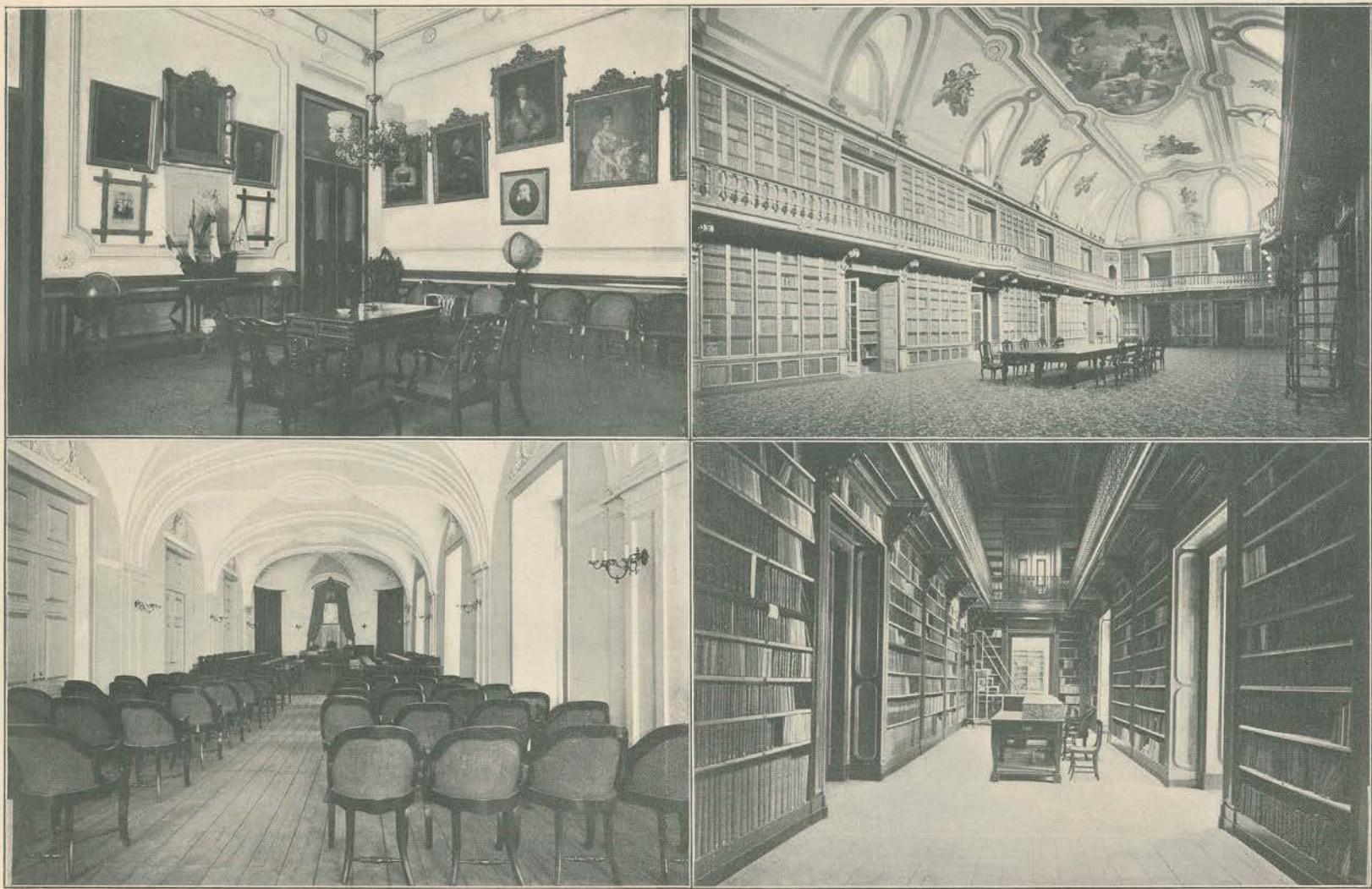
ALVARO PINHEIRO CHAGAS

Oficial do Instituto Industrial e redactor principal do Jornal da Noite.

Filho do escritor, nascido em 19 de maio de 1872. Casado com D. Maria Theresa Serafina Pressler.

A ESPOSA DE PINHEIRO CHAGAS
Em 1860MANUEL PINHEIRO CHAGAS
O neto mais novo do grande escritor e filho d'Alvaro Pinheiro ChagasA ESPOSA DO PINHEIRO CHAGAS.
Aos 42 anos, 62 anos antes de morrer)D. MARIA DA PIEDADE DA SILYA
PINHEIRO CHAGAS
Esposa de Pinheiro Chagas. (Retrato tirado 2 anos depois de casada)D. ALICE PINHEIRO CHAGAS
Filha do escritor, nascida em 28 de junho de 1867.
Casada com o sr. Jorge Verde, proprietário, irmão do poeta Cesário VerdeMARIA DA PIEDADE CHAGAS VERDE
Filha de D. Alice Pinheiro Chagas VerdeGUSTAVO PINHEIRO CHAGAS
Neto do escritor e filho de Raúl Pinheiro ChagasD. VALENTINA PINHEIRO CHAGAS
Filha do escritor, nascida em 22 de outubro de 1883EUGENIO CHAGAS VERDE
Neto do escritor e filho de D. Alice Pinheiro Chagas VerdeEDUARDO CHAGAS VERDE
Filho de D. Alice Pinheiro Chagas Verde e neto de Pinheiro Chagas

A FAMÍLIA DE MANUELL PINHEIRO CHAGAS



AS SALAS DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS ONDE SE REALISOU O ELOGIO HISTORICO DE PINHEIRO CHAGAS EM 17 DE ABRIL

ANTE-CAMARA DA SALA ONDE SE REALISAM AS SESSOES DE CLASSE — SALA DAS SESSOES DA ACADEMIA — ANTIGA BIBLIOTHECA DOS FRADES, ONDE SE REALISAM AS SESSOES SOLEMNES — BIBLIOTHECA DAS ACADEMIAS ESTRANGEIRAS

A Academia foi fundada no reinado de D. Maria I pelo duque de Lafões e por alguns frades seus amigos, sendo muito tempo suspeita do jacobinismo pelo intendente Mainque, porque nas casas do velho duque, ligadas com a Academia se recolhera um tal Boussemard acusado de ser conventual na revolução francesa.

Depois, com o andar dos tempos, essa Academia, onde os espíritos de eleição se reuniam n'un protesto, tornou-se no logar

das consagrações oficiais e começaram a fazer parte d'ella os escriptores de mérito, criandose as diversas seções que hoje existem. A maior parte dos grandes escriptores portugueses faziam parte d'ella. Vem a pôlo recordar que António Feliciano de Castilho foi expulso d'essa agremiação por se inscrever contra certas normas e que durante muito tempo a Academia guerraou escriptores revelados de processo e de ideias, que mais tarde se via obrigada a receber no seu gremio.

A RAINHA DE HESPAÑA E OS FUZILAMENTOS DE JUNHO

Um artigo de Pinheiro Chagas sobre ja rainha D. Isabel II falecida em Paris em 5 de abrili.

Como a noite corre serena, e como a tua resvala, ouvila no seu vén de tua diaphana, pelo céu azul das Hespanhas! na pura lympha do Tejo, que a brisa de manos encrespa, desdobrando o mar, como alvíssima tunica de vestal; as rosas abrem o calice macarado aos beijos da viração; nos amplos jardins da residencia real é tudo luz suave e sombras mysteriosas, parecem fluctuar ao sopro da aragem as pregas das marmoreas roupas das estatutas, e os pavilhões de Aranjuez deixam a rainha da noite bordar na tela das suas fachadas caprichosas rendilhados de maravilhoso lavor!

E' noite de S. João, nito de doces sonhos, de meigos amores, e de melodiosas serenatas! N'essa noite, de um a outro extremo da rideante peninsula, accende-se as fogueiras, doideiam sérreas melodias, frême a canção andaluz na corda da guitarra, e a lasciva castanholha acorda os ecos do Guadaluquivir no voluptuoso bolero das sevilhanas! As fadas, líthas dos árabes, soñam ao vento o seu vén de gaze, e d'esse magico tecido fogem mil borboletas matizadas, que vão esvoçar em torno do leito virginal da candida rapariga que sonha na alcova cheira que lhe ha de reverdecer de madrugada! Noite de S. João! noite prestigiosa! onde ha ali na risonha Andaluzia ou na severa Castella écoo tão amaldiçoado por Deus, que não murmurre agora namoradas canções, e languidas melodias?

E contudo jazem mudos os ecos de Aranjuez; envolve o mar os paços silenciosos, e nos rosas das jardins murmura soñaria a brisa. Volam as guardas sombrias a porta da lugubre morada, e o unico ruído que ali se escuta é o éco longinquo da fusilaria.

Vinde! aproxime-vos da regia cámara, que a temneira da lampada illumina! as roupas do leito monarquico desenharam vagamente um vulto da mulher! Dorme! Aljofras-lhes um suor frio a pallida fronte, e as convulsões dos labios denunciaram a agitação dos sonhos!

Dorme, filha dos Bourbons, n'esse ten leito tepido de sangue! Dorme, herdeira de Carlos V, no throno, que transformaste em ossario! Dorme, catholica rainha, e velom-te o sonno os vingadores espectros.

Escutaias, escutaias! Encheu um confuso murmurio o apenso, e um longo sequito de phantasmas voeja com azas subtils no ambiente do quarto. Trajam todos longas tunicas, d'onde gotta a gotta cae o sangue na fronte da rainha aformecida! Desbalde ella tenta, com mão tremula, apagar a nodos vermelha que se alastrá incessante! Não cessou a horrida chuva, e a áltiva fronte, que ainda ha pouco cingia o diadeuma, conserva o rabido estygma, o infame sello estampado pela justiça de Deus!

E a rainha debate-se nas convulsões do sono! Quer gritar, e a vozerra-selha na garganta; tenta resar e a oração transforma-selha em blasphemia; desbalde exulta o vermelho suor do seu remorso; todo o sangue que derramou casinha gotta a gotta na fronte, e o torrente é candal, filha de Fernando VII!

Escutaias! escutaias! um dos espectros debrança-se para o luto monárquico, e murmura palavras que fazem correr um calafrio de terror pelas veias da neta de S. Luiz. Escutaias, escutaias o que essa voz murmurava:

O dia é dos tyranos, mas a noite é das victimas; o dia pertence ao crime, quando o crime se envolve na purpura dos reis; mas a noite pertence ao remorso que se envolve na mortallha dos suplícios.

A' Iz do sol claro e alegre das Hespanhas assunçõa-se depressa uma sentença de morte, traçada com mão firme a ordem que vai juncar de cadaveres as ruas de uma cidade, ajoelhase impudentemente deante de um oratório, saboreia a bençao monachal, respira-se a língua cortada, ouve-se tranquilhamente a descarga curta da sua pupilla esverdeada.

Bem vés tu, rainha, que o dia não tem sombras, não ha recantos obscuros, não ha sentido ecos folgorosos, e o marfim do crucifixo dobra-se com os raios do sol; deixa a areia absorver o sangue derramado, do dia o fogo pôde mirar-se no espelho, sem receio de ver luzir no vidro a sua pupilla esverdeada.

Mas a noite chega tambem, e à noite o crucifixo é livido! a noite acumulam-se as trevas nos cantos dos apartamentos, à noite o eco tem gemidos, à noite o sangue ress umbra através dos tapetes das salas, à noite vêem as pantheras scintillar vagamente nos espelhos a sua phosphorica pupilla!

Do dia ha os padres que absolvem, ha os santos, que se cobrem de ouro e sedas, ha um vigario de Christo, que envia indulgencias, ha o confessorio condescendente, ha o orgão clamoroso fazendo jorrar pela nave das cathedras o hymno em acção de graças, ha o Domine salvum fac regem, ha as procissões, que se acompanham devotamente.

A' noite, rainha, ha Deus!

Hoje os brilhantes ajuntamentos de campo chegavam a galope á portas do seu palacio, e bravadeiram, agitando os chapéus empinhados: «Deus favoreceu a tua causa! O throno dos Bourbons, assente em milhares de cadaveres, ostenta-se mais firme. A tua purpura é mais brilhante, porque a tingimos em sangue! Exulta, rainha, e agradece a Deus, que te concedeu a vitória!

Exulta, Isabel II, porque te sacrificamos victimas humanas; exulta porque deixemos a ferro, a fogo e a sangue a tua bella capital! E tu exultante, ajoelhaste e agradeceste a Deus,

«Hoje entraram os teus ministros nas salas do teu palacio, e disseram-te: «Mais sangue! é necessário mais sangue para enchermos as taças da nossa orgia! mais sangue e mais lagrimas! para que possamos erguer a face da Europa o copo cheio a trasbordar, com que faremos um brinde à sua civilização. Firma com o teu deuse nome de Isabel novos decretos de farto, e seja mais pungente o sarcasmo, que iremos escrutar no rosto da humildade.»

Brincavam os raios do sol de junho nos vidros das janellas de Aranjuez; a natureza em flor toda se desfazia em canticos e aromas; tu pegaste na pena, e firmaste os decretos sanguinários. E os teus ministros disseram-te: «Rainha, é inútilvel o teu solto, pertence-te o porvir.

Seria justo que houvesse cantos suavissimos d'esses roxinhas invisíveis, que volteiam sobre os thalamos venturoses, na cámara da rainha que levam a desolação a tantos ninhos dulcissimos, que descanavam amorelos entre as romarias de Granada, nos vergeis de Valencia, nos serrões das Asturias, ou nos margens alçantiladas do Doiro?

Seria justo que a tua sacrilega prece, piedosa rainha, devota soberana, abafasse as choroas das mães e das esposas, que todo o instante se erguem para o throno de Deus?

Julgais que as oraçõeas dos teus sacerdotes, os cantos



D. ISABEL II A CATHOLICA, FALLECIDA EM PARIS EM 8 DE ABRIL ULTIMO

dos das tuas freiras, poderão dominar esse concerto das lagrimas e queixumes dos humildes?

Não! bem o sabes, oliz-o a tua consciência, e não onsurias agora, a noite, scósinha no teu quarto, descer do teu leito, e ir ajoelhar moito em genuflexorio! Não o onsurias de certo, porque temeres que em torno das imagens santas tão invisivel traçasse um círculo, ante o qual cairias com a face mo chão, porque recorriás sentir queimarem-te na fronte as letras de fogo da palavra que te condenaria!

E o dia da vingança chegaron ondus, encheram-se a taca das iniquidades, e o Deus vingador da innocencia já condenou ao abysso o throno ensanguentado.

Já nas paredes do teu terraço fulgiram as letras que assustaram ontr'ora as orgias de Baltazar.

O sangue que se derramava não é cimento para os solos, e a onda vermelha que os arranca da praia e os arroja no mar das tempestades.

O homicídio sanctificou as victimas! As feridas, por onde ate a vida e o sangue, são outras tantas bocas que a Deus clamam, em quanto o assassino triunfa sobre o cadáver.

«Não é a mão dos vivos, é a pallida mão dos mortos que derruba os tyranos dulos seus thronos.

Era bem fragil a mão d'essa criancinha, que se chamou o duque d'Enghien, mas appens o filho dos Condés cain varado por vinte balas nos ossos de Vincennes, o seu phantasma foi-se escondecer por traz das cortinas do leito do vitorioso primeirão consel.

Desbalde elle subia a alturas vertiginosas para fugir aquella mão d'espectro, desbalde aconchegava ao corpo a purpura imperial; desbalde interponha a si e ao phantasma o vulto venerando do vigario de Christo; desbal-

de se fazia erguer sobre os regios escudos de vinte soberanos, sous vassallos: a mão infantil lá estava, impelindo-o do Beresina para Waterloo, de Waterloo para Santa-Helena.

Treme, Isabel, treme das mãos d'espectros! São terribles os exemplos da historia; 22 de junho devia lembrar-te o dia 2 de maio.

Também então Madrid, a rainha das Hespanhas, se envolveu em longos véus do luto, e à noite a tua iluminou polas suas praias lívidos cadáveres. Os cavalos dos soldados brancos pisaram aos pés os filhos de Madrid, voluptuosa e heroica, cidade das festas e do sangue, da guitarra e do punhal, cidade despidida e frívola.

Também um throno se quis firmar n'este pedestal d'ossadas, e o throno de José Bonaparte resvalou e caiu no abysso. Não poderam estrelar-o as bayonetas dos vencedores da Europa, porque as mãos dos espectros de 2 de maio os torciam e as quebravam como frageis vimes.

«Porque o sangue, vertido por cada uma d'essas feridas, fecundava o solo e fazia brotar heróes, porque a espada de Murat, rasgando o corpo da formosa cidade, abria involuntariamente, nas paginas bronzeas do livro do destino, a primeira letra de Baylen, a primeira letra de Saragoça, a primeira letra de Vittoria?

E comodo era o estrangeiro quem derramava o sangue, e os braços dos dragões do Napoleão não eram braços fratrícios.

«Mas o dia 22 de junho ha de ter ecos mais sinistros na historia. Foi o seio da patria dilacerado pelas mãos de seus filhos, foram soldados hespanhóis os que tripularam sobre o corpo exausto da formosa cidade das Hespanhas.

«Quo lettras mysteriosas abrira a espada do O'Donnell no livro do futuro! Por baixo das letras das sentenças de morte, que a tua pena traçava, Isabel II, que outras lettras d'outra sentença ignota se iriam traçando no livro do destino!

«Rainha! a mão da Providencia resguardou-te o pinal regicida de Merino, a mão do homicida sanctificou a tua dinastia, porque nos olhos de Deus o crime é igual, quer o commetido o rei, quer o commetido o povo, ou faça rolar cabeças coroadas, ou cabeças humildes, e a morte de Luiz XVII foi a condenação da república, como a mortandade de 22 de junho é a condenação da tua dinastia.

«O punhal de Louvet avivente por nove annos a dinastia da Restauração; Flóosci e Alband prolongaram a existencia da monarquia de julho; o punhal de Merino consolidou o ten solo.

«Mas a Providencia, que te resguardou do assassinio, responde assassinando o teu povo, e fazes pender a balança, que a armaz regicida equilibra, arrojando-lhe centenas de cabeças ensanguentadas.

«Encheuse a taca das iniquidades, sou a hora da vingança.

«E os phantasmas sumiram-se; mas o sonho da rainha continuou cada vez mais angustioso. Abrinse a azulada abóbada do firmamento, e o throno de Deus aparecen no seu immenso fulgor ante os olhos deslumbrados da ilha dos Bourbons.

Um anjo melancólico tinha nas mãos aberto o livro do destino, e via-se na pagina escrito o nome de Car los IV.

E ouvinse um immenso clamor que partia da terra, e esse clamor dizia:

«Senhor, o throno dos nossos reis foi marchado pelo adulterio e pela devassidão; os fructos dos nossos campos foram enriquecer o erario d'un favorito vi;

a gloriosa Hespanha foi derrubada pelo throno, e a sua vasta purpura, que abrangia os dois hemisphérios, foi arrastada na lama. A Hespanha foi vel entre as nações, elle entre todas grande; o pé do estrangeiro estampou-se com despriso na fronte da nação humiliada, e os seus filhos, curvados sob o jugo, e embrutecidos, regaram a terra com as suas lagrimas e os seu suor.

E o anjo melancólico rasgou essa pagina do livro do destino, e na pagina seguinte via-se escrito o nome de Fernando VII. E ouvinse um clamor que dizia:

«Combatemos como heróis para defendermos a terra de nossos pais, e para assegurarmos o throno ao descendente dos nossos monarcas. Juncamo-nos de cadáver a estrada triunfal, por onde o covarde prisioneiro de Valencia voltou ao paço do seu pais. Conquistámos com o nosso sangue a nossa carta de libertad. E aquele, por quem sofreramos, rasgou os nossos fôros de homens livres, pisou-nos aos pés, e chamou o estrangeiro, o mesmo estrangeiro com quem travámos uma guerra mortífera para lhe darmos o throno, a fim de nos reduzir á escravidão.»

E o anjo melancólico rasgou ainda uma pagina, e na seguinte via-se escrito o nome de Isabel II.

«Combatemos por ella, e para nos libertar, travámos uma luta sanguinária com os nossos irmãos para defendermos os direitos do inocente nika, e a recompensa é o cadafalso, o fusilamento, o morteiro.»

Então resou no alto dos céus uma voz trovante que bradou:

«Tres gerações encheram a taca das iniquidades, e canaram a misericordia divina! Caia no abysso esse throno de Balhazar.»

E o anjo melancólico arrancou a ultima pagina da dinastia dos Bourbons, que foi, revolteando, cair a um abysso de lodo e de sangue.

1 de julho de 1896. M. PINHEIRO CHAGAS.



ALDRE

A SCENA FINAL DA PEÇA «A MORGADINHA DE VAL-FLOR» — A MORTE DO PINTOR LUIZ FERNANDES DIANTE DA «MORGADINHA», DE MARQUINHAS E DO SEU VELHO TIO

Esta peça que é, depois do *Fr. Luiz de Sousa* de Garrett, a que marca um período de evolução no Teatro Português, foi representada pela primeira vez no Theatro D. Maria em 3 de abril de 1869 com benefício da actriz Emilia Adelaidé, sendo seus principais intérpretes os actores: Tasso, Theodorico, Cesar Lima, Polla, Almeida e Bayard e as actrizes Emilia Adelaidé, Delphina e Rosa Damasceno. Mais tarde F. Coelho, esse actor que era ao mesmo tempo um literato e que fez e desmanchou fortunas no Brasil, também representou a parte de *Luiz Fernandes*. A peça teve um sucesso louco tanto em Portugal como no Brasil e n'uma das vezes em que ella deu mais de 200 representações durante uma época no Rio de Janeiro e n'outros pontos do Brasil com a companhia de Furtado Coelho, Pinheiro.

Chagas quando apanhou o empreitado no seu regresso ao reino foi-lhe falar acerca dos direitos d'autor que o outro tinha negado. E como o grande escriptor estranhasse semelhante procedimento, Furtado Coelho, tomando um ar de offendido, exclamou: O' Chagas, você sabe com quem está a falar?! Olhe que eu sou o Furtado Coelho... Ele sorriu e voltou espírito-nosamente:—Olhe, amigo, você será o Coelho mas o furtado sou eu! O ditto falam, correceu mundo e os direitos da *Morgadinha* que, a serem pagos, não só por este empreitado mas por outros no Brasil, teriam enriquecido Chagas, esses JAMAIIS BRIGUEM OS VIN!



AUTOR FELICIANO DE CASTILHO
Retrato oferecido a Chagas em 1863



O GRANDE AUTOR SÁNTOR
Retrato oferecido a Chagas em 1878



RAMALHO ORTIGÃO
Retrato oferecido a Chagas em 1865



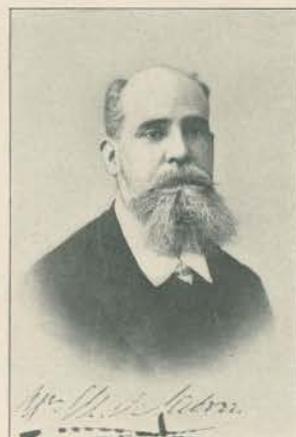
AUTOR FEIJANO ROSSI
Retrato oferecido a Chagas em 1866



ZACHARIAIS D'ACA
Retrato oferecido a Chagas em 1866



RAMALHO ORTIGÃO
Retrato oferecido a Chagas por necessito
do seu honorário de Colombo em Madrid.



RAPHAEL DE LLUBRI
Retrato oferecido a Chagas em 1893



JÚLIO CESAR MATEUS E SEU FILHO
Retrato oferecido a Chagas, em 1878



TALAOMIS
Notabilíssimo orador hondurenho
Retrato oferecido a Chagas, em 1887



DR. CUNHA BELEM
MEDICO-CHEFE DO EXERCITO E ESCRITOR

O ÁLBUM E OS DOIS AMIGOS DE INFANCIA DE PINHEIRO CHAGAS



ZACHARIAIS D'ACA
BIBLIOTECARIO DA ACADEMIA DE MELLAS ANTIGAS E ESCRITOR



A CASA EM 25 DA RUA DE S. JOAQUIM A SANTA ISABEL ONDE MOROU O GRANDE ESCRITOR DURANTE TODA A SUA VIDA.



O JAZILO DE MANUEL PINHEIRO CHAGAS NO CEMITÉRIO DOS PRAZERES.



A CASA ONDE FALLEceu PINHEIRO CHAGAS NA RUA DO SALITRE.
E A MESA ONDE MOROU THOMAS HOBSON.

1º De Outubro de 1903
D. Pedro 5º

Meu querido Valentim
Tenho aqui um poema escrito
O autor é um menino aluno da escola
Belaria em Lisboa e Poem

Por que me ficas com essas,
E sis Dize que eres a farsa das artas,
O que souz que que tens alor o mundo
Tu sente coisas que ainda nem ouviu

Nas feras no luar no mar, na terra,
Em terra quente e frias e resfriadas,
Em sol ventos chovens e trovoadas,
Em sol de sol de fogo e luar de fogo.

Quando venho tu e D. Pedro ficas de lado
Opo contas da minha farsa
O que tens tu que não tens
Tua a tua vida e mal sei amarrar!

O que tens tu em tu mais gosta de morrer,
Na tua vida tu mais tens afear,
Tua em fogo ficas empalhadas
De tua lama e de sangue e ficas ador!

Esta poesia foi escrita em Maio. Tinha então Pinheiro Chagas 11 annos e 5 meses e frequentava o colégio militar que era então no convento de Maia. Seu avô, que era oficial do exército e que era natural de Coimbra, o levou a este colégio só para acompanhar de perto a educação de seu neto, cuja mãe morreu em data a 4 maio.

O pai de Pinheiro Chagas, que era secretário de D. Pedro V, faleceu subitamente de uma congestão cerebral, na calçada das Necessidades, quando o Paço Real se dirigia para sua casa a Belém.

Manuel Pinheiro Chagas que então se matriculava na Politécnica recebeu uma pensão de D. Pedro V para completar a sua educação.

Como D. Pedro V tinha visto uma vez Pinheiro Chagas, então aspirante de infantaria, envolvido n'uma das celebres batalhas de *detinantes* de S. Carlos, lhe tivesse mandado fazer uma ligera e amigável observação, Pinheiro Chagas pediu licença para dispensar a memória do Ex-Rei. Foi então que começou escrevendo para jornais e iniciou a sua carreira de escritor.

Muito querido Valentim

Recebi a tua carta, que estive a ler
muitas vezes, podes imaginar, até te
por me trazer notícias tuas e de tua
mãe, mas tentei por ser a tua letra
as palavras que podes exemplas por ti,
pela tua maneira, que tal desaparecida
pelo tempo que me dei, deves-me com
ver mais vezes, porque não imaginas a
peca que me causa não te ter a pé
de mim. As meus velhos a tua carta
percebeu que te estou a ver lá "back +
Frederick", mas a mim também é um prazer
é vêr-te a sog, e vêr-te docey M. M.
que é sempre a mesma por ser escripta
no ojo e o ojo pelo vidro da janelha
nella ilustra-me sempre a tua ester-
cer ligas ao mestre, despidas nun
toldo, desembocando a vento que eternamente
escrevendo em estudos

Esta carta foi escrita em 1893 a sua filha Valentina, que então tinha 10 annos incompletos, quando Pinheiro Chagas teve um ataque de escratinia, na casa da rua do Salitre onde faleceu.

Sua filha, Valentina estava então em Lindaça-Pastor, em casa de seu cunhado sr. Jorge Verde, casado com a sr.ª D. Alice Pinheiro Chagas.

O Frederic, a quem Pinheiro Chagas se refere na carta, é seu filho hoje ao trânsito de marfim.



OS INTERPRETES DA «MORGADINHA DE VAL FLOR» NA SEGUNDA EPOCA DA SUA REPRESENTAÇÃO. (Croquis de Raphael Bordallo)



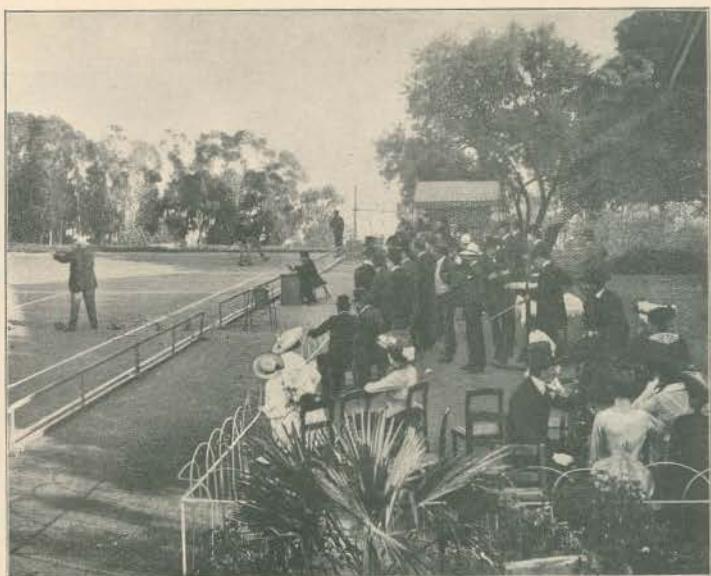
«O DRAMA DO PVO.» — ORIGINAL DE PINHEIRO CHAGAS — SCENA FINAL DA PEÇA

Foi uma peça de intenção, valentemente e forte e na qual se accentuavam as tendências do autor e grande exercitou no período da sua mocidade. Tomaram parte n'ela os actores Theodoro, Maggiolo, Brásão, Alvaro, etc.

O *Drama do Povo* foi causa d'uma certa animosidade dos elementos palacianos contra Chagas,

tanto por causa da peça em si como pelo dia arrejado para a época e que um dos personagens soltava: «O sangue dos Noronhas é igual ao dos Bragancas».

No prefácio do Livro o escritor fez notar esse caso e continuou altivamente a sua carreira triunfal sem se baixar.



(1)



(2)



(3)



(4)



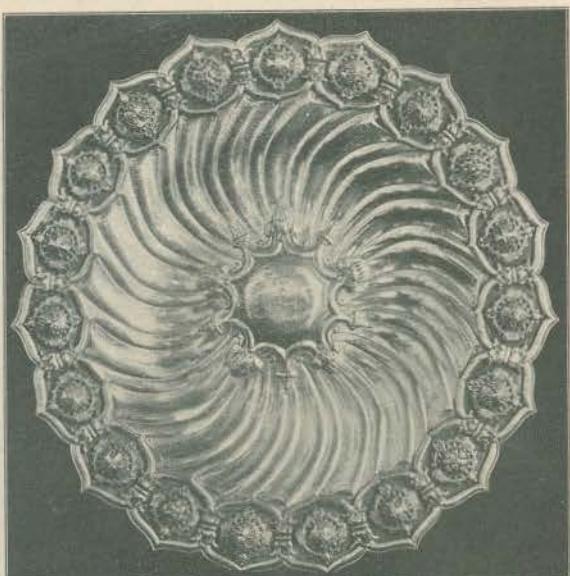
(5)



(6)



(7)



(8)

O CONCURSO DE TIRO AOS POMBOS NA REIAL TAPADA DA AJUDA EM 9 DE ABRIL

(1) O ASPECTO GERAL DA CARRIOLA DE TIRO AOS POMBOS.—(2) A TAÇA ALFONSO XIII.—(3) A S. M. S. S. E. CARLOS PINTOR DA SILVA (PAPE E FILHO) QUE RECEBERAM OS PREMIOS DO PRIMEIRO DA 1.ª CLASSE.—(4) O FILHO DO SR. VISECONDE DE HEGUENGOS FABRICA PONTEIRA AO POMBO.—(5) O SR. VISECONDE DE HEGUENGOS AGRADAVAO O POMBO.—(6) A VOGA DA TURMA.—(7) A TAÇA ALFONSO XIII.—(8) PARTE SUPERIOR DA TAÇA ALFONSO XIII.

A morte de Isabel II vian interromper o concurso de tiro aos pombois no qual se disputaram as taças oferecidas pelos suctos honorários SS. MM. os reis Eduardo VII e Afonso XIII. O primeiro premio foi ganho por S. M. o rei o senhor D. Carlos, cabendo o 2.º premio n'essa tarde ao sr. viseconde de Heguengos e o terceiro a seu filho.

A assistencia era numerosa e distinta. Na tarde finia, esplendida de luz, serena e alegre, os

3 pombos saíram do repouso das gaiolas, voaram por momentos e no servio de allos pelas bainhas dos atiradores cahiam fulminados. O concurso terminou por volta das 4 horas da tarde e devo continuar.

Logo que acabe o tiro da corte, para ser disputada a taça Afonso XIII.

Na taça Eduardo VII foi gravado o nome do S. M. o rei que a ganhou e no sr. viseconde de

Heguengos coube a quantia de 685.000 e a seu filio 205.700, parte das prezes das entradas.

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN

TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

O oceano é ouro, a cidade é ouro, a veiga é ouro, a montanha, o céo—tudo é dourado—rico e suave e phantastico, como uma visão do paraíso. Artista nonhum poderia pôr na lona a sedutora beleza d'esse quadro, e, todavia, sem o vídro amarelo, e o acidente cuidadosamente buscado de um grade que o arremossasse a uma distância encantada, o lhe suprimisse todas as asperezas não era quadro para se ficar em exalação diante d'elle.

Não há outro remedio senão voltar ao velho Tabor, posto que o assumpto seja bastante enfadonho, e eu não posso tratá-lo por me ter distraído com scenes que são mais agradáveis de recordar. Penso que darei um pulo, de qualquer forma, Ásreas do velho Tabor nadia há (excepto admitindo que foi o teatro da Transfiguração) senão algumas velhas ruínas parciais ali amontoadas em todas as edades do mundo desde os dias do gordo Gedéão e dos bandos que floresceram há trinta séculos até à data moderníssima dos tempos dos cruzados. Tem o seu convento grego, e lá o café é bom, mas nunca um estilhaço da verdadeira cruz ou osso de um santo canonizado para sustar os vãos pensamentos de mundanidades, e converte-los em más graves reflexões. Para mim uma igreja católica sem reliquias nada vale.

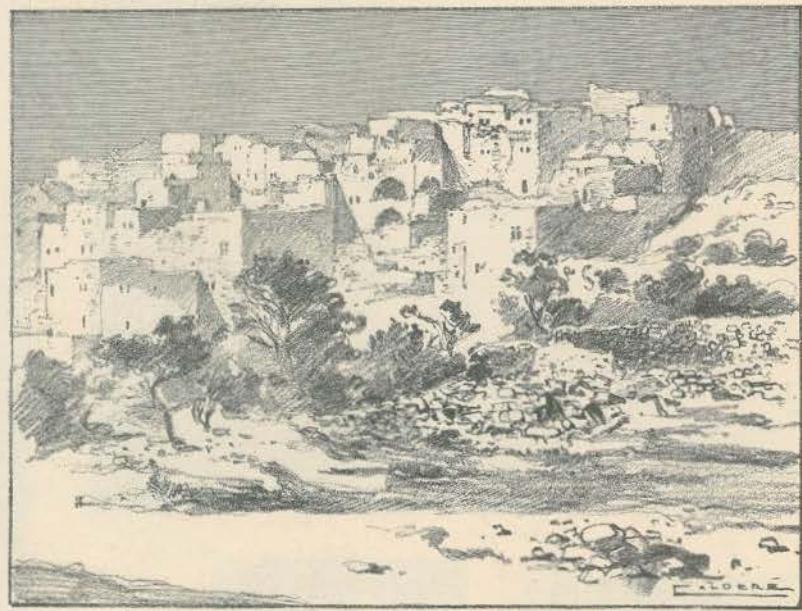
A planície de Esdrelon—o campo de batalha das nações—só nos leva a pensar em José, Benhadad, e Saul e Gedeão; Tamerlane, Tancredo, Coração de Leão e Saladin; os guerreiros reis da Persia, os heróes do Egito e Nápoles—pois todos ellos aqui combateram. Se a magia do luar pudesse evocar das sepulturas de séculos esquecidos e de muitas terras as myriads sem conto que batalharam n'esta extensa e vastíssima planície, e vestir-lhes os estranhos traços das suas com nacionalidades, e mandar varrer o campo o numeroso exército, esplendido de plumas, de bandeiras, e de reinantes lanças, eu poderia aqui permanecer um século para ver o phantastico espetáculo. Mas a magia da lua é uma vã falsidade; e quem n'ella depositar a sua confiança virá a padecer de tristeza e desengano.

Em baixo, no sopé do Tabor e mesmo na orla da tão falada planície de Esdrelon, está a insignificante aldeia de Debirie, onde Debora, profetiza de Israel, viveu. E' exactamente como Magdala.

XIX

Para Nazareth—Mordido por um camello—Grata da Annunciação, Nazareth—Gratas notáveis em geral—A oficina de José—Uma lage sagrada—A fonte da Virgem—Discutível belleza feminina—Curiosidades literárias.

Desemos do monte Tabor, atravessamos um fosso profundo, e seguimos por uma estrada montuosa e pernambucosa para Nazareth a duas horas de distância. No Oriente todas as distâncias se medem por horas, e não por milhas. Um bom cavalo andará tres milhas por hora em quasi toda a espécie da estrada; portanto, uma hora aqui corresponde sempre a tres milhas. Este methodo de contar é aborrecido e enfadonho; e, enquanto a gente se



NAZARETH

não affaz absolutamente a elle, não esclarece o entendimento senão depois de ter reflectido e transportado as horas pagans a milhas christians, exactamente como succede com as palavras faladas de um idioma que conhecemos, mas não tanto que n'um momento se lhe perceba a significação. As distâncias percorridas por pés humanos são também avaliadas por horas e minutos, enquanto eu não saiba qual é a base do calculo. Em Constantimopla perguntava:—Que distância é d'aqui ao Consulado?—Resposta:—Dois minutos, pelo menos ou mais. — Que distância é d'aqui á agência de Lloyd?—Um quarto de hora.—Que distância é d'aqui ao ponto inferior?—Quatre minutos.—Não posso afirmá-lo, mas creio que, quando um homem manda fazer um par de calças, diz que precisa d'ellas um quarto de minuto, mas pernas, e nove segundos em volta da cintura.

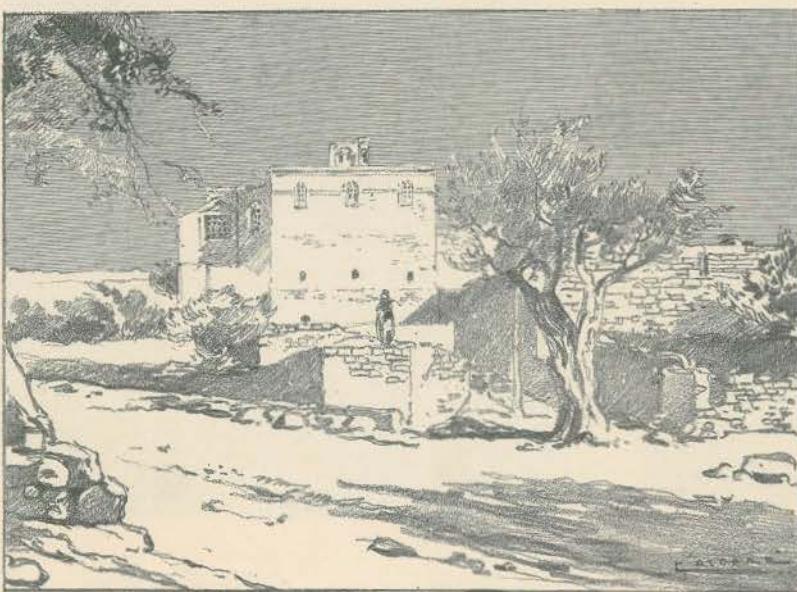
Levámos duas horas do Tabor a Nazareth—e, por ser um caminho demasiado estreito e tortuoso, encontrámos necessariamente todas as caravanás de camellos e bur-

ricadas entre Jericós e Jacksonville tanto n'esse sitio como por toda a parte. Os burros, esses poncos importa, por serem tão pequenos que podeis saltar por sobre elles a cavalo, se este for fogoso, mas por cima de um camello é que se não salta. Os camellos tem a mesma altura que qualquer casa ordinaria de habitação na Syria—o que significa que os camellos são um a dois e algumas vezes quasi tres pés mais altos que um homem de boa estatura.

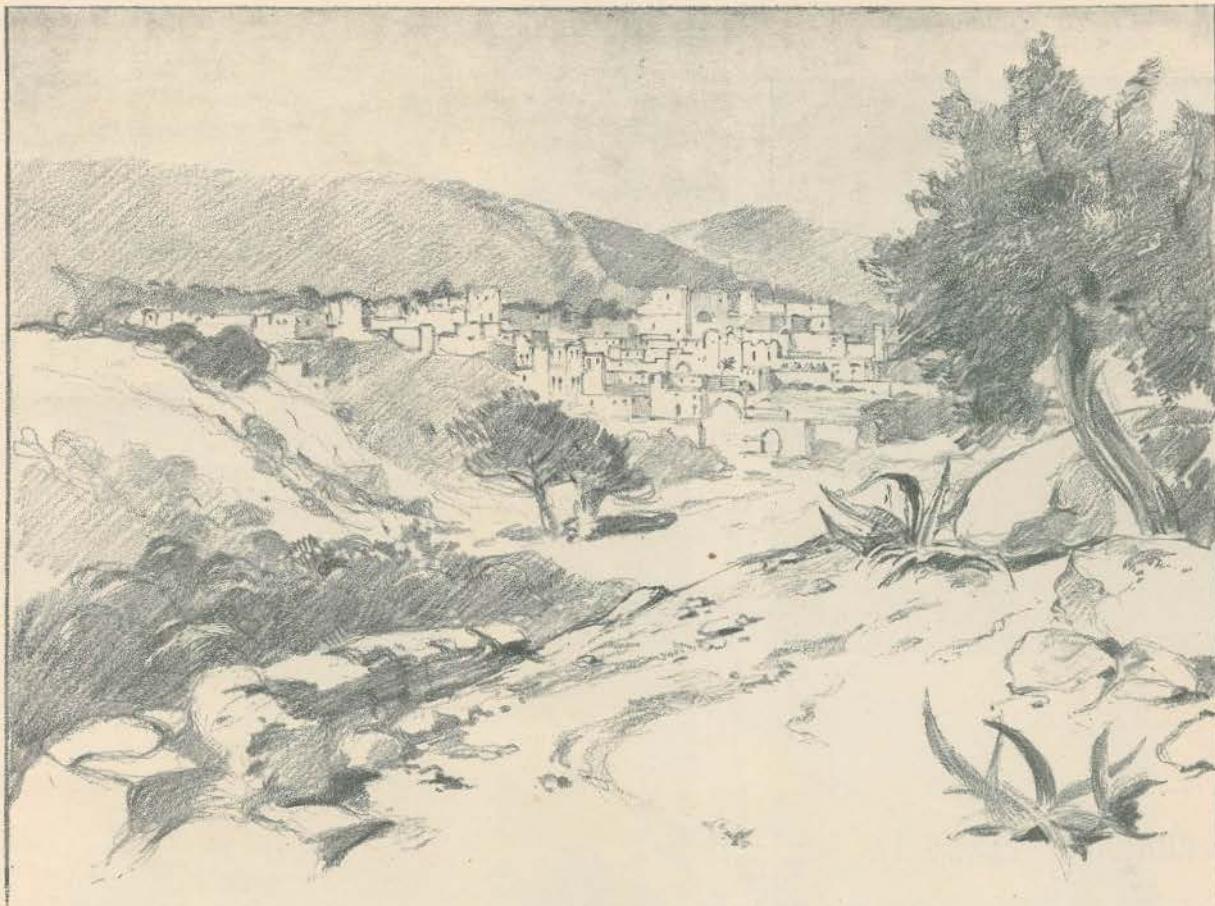
Nesta parte do paiz a carga dos camellos tem a maior parte das vezes a fórmula de saccos colosais—um de cada lado. Um camello e a carga ocupam tanto espaço como uma carruagem. Imagina encontrar esta especie de obstrução n'um caminho estreito. Nem que fosse para deixar passar um rei se desviaria um camello. Vae por ahí adante serenamente, impulsionado pelas pernas almofadadas com o movimento longo e regular de um camel, e, seja o que for, que esteja no caminho, tem de sahir d'elle, senão é arremessado com violencia pelos saccos bojundos. Foi uma jornada fatigante para nós e completamente extenuante para os cavalos. Fomos obrigados a saltar por cima de mais de mil e oitocentos burros, e só uma pessoa do nosso grupo foi saudida do solilim pelos camellos menos de sessenta vezes. Isto parece uma afirmação atrevida, mas o poeta disse: «As consas n'to são o que parecem». Para mim não ha agora certeza mais certa para fazer uma pessoa estremecer de que ir pelas costas um camello que vom com p's de lá e lhe tno no onvido com o labio inferior, frio e molh. Ora, um camello fez isso a um dos rapazes, que ia a cabeçar pensativo sobre o sellim. Erguen os olhos, viu a majestosa apparição crescendo para elle, e fez esforços desesperados para se afastar do caminho, mas o camello avançou e mordeu-lhe um hombro antes que elle se safasse. Este foi o unico incidente agradável da jornada.

Em Nazareth acampámos n'un olival proximo da fonte da Virgem Maria, e foi lá que o tal assemblório «guarda» árabe veiu arrascar a esportar pelos seus «servicos» em nos acompanhar desde Tiberíades e livrar de perigos inúviseis com o terror do seu armamento. O dragman havia pago o amo, mas isso não valia de nada—se alugardes um homem para espirrar por vós aqui, e outro homem se oferecer para lhe prestar auxilio, o que d'ahi resulta é terdes de pagar a ambos. Não fazem consa nenhuma, seja o que for, sem pago. Como esta gente deveria ficar surpreendida de ouvir oferecer-se-lhe o caminho da salvação «sem diaheiro e sem preço». Se os usos, os costumes e o povo d'este paiz tem mudado desde o tempo do Salvador, as figuras e as metaphoras da Biblia não são argumentos que o provem.

Entrámos no grande convento latino, que foi edificado sobre a casa tradicional de habitação da Santa Família. Desemos uns quinze degraus abaxio do nível do solo, e estivemos n'uma capella pequena ataviada com tapeçarias, alampardas de prata e quadros a óleo. No pavimento de marmore por baixo do altar, uma cruz indica o lugar que os pés da Virgem tornaram para sempre consagrado, quando ella receberam a mensagem de anjo. Que estancia tão simples e tão singela para ser o teatro de tão grande acontecimento! A mesma scena da Annunciação—sucesso que foi commemorado com esplendidos relicarios e templos augustos em todo o mundo civiliza-



A FONTE DA VIRGEM



RELEIM

do, e tal que os principes da arte tomaram por objectivo da sua mais sublimada ambição para pintarem con dignamente; lugar cuja historia é familiar até às crianças de todas as casas, cidades e obscuras aldeias das mais remotas terras da christandade; lugar que myriadas de homens, para o ver, não duvidariam atravessar a largura do mundo, o tornam a conta de inapreciável privilégio contemplar. Era fácil ter esses pensamentos. Mas não era fácil excluir-me a magnitude da situação. Eu poderia vencer muitas mil milhas e imaginar a aparição do anjo, com grandes azas o semelhante luminoso, e observar a glória que jorrava sobre a cabeça da Virgem enquanto a mensagem do trono de Deus calha nos seus ouvidos—qualquer pode fazer isso além do Oceano, mas poucos o podem fazer aqui. Vi o pequeno recesso do qual o anjo abalon, mas não pude preencher o seu vazio. Os anjos do meu conhecimento são criaturas de inconsistente phantasia—não cabem em nichos de pedra solida. Duvido que qualquer possa estar na gruta da Annunciação e povoar com as imagens phantasticas do proprio espírito as suas paredes de pedra demasiado palpáveis.

Mostraram-nos uma columna de pedra pendurada do tecto, que nos disseram ter sido partida em duas pelos conquistadores muçulmanos de Nazareth, na esperança vã de derrubarem o sanctuário. Mas a columna permaneceu milagrosamente suspensa no ar, e, sem suporte, sustentou tanto e ainda sustenta o tecto. Dividindo esta affirmativa por oito, reconheceu-se que não era difícil acreditar-a.

Estes preclaros monges latinos mostram cosa nenhuma por metade. Se tivessem que mostrar-vos a Serpente de Bronze, que foi levantada no deserto, poderia estar certo de que teriam à mão a estica em que ella assentou, e até a cava em que esteve. Apanharam aquela a gruta da Annunciação; o fio adequado a ella, como a garrafa de qualquer o é à boca, tem tambem a costela da Virgem, e até a sua casa de lavor, onde ella e S. José observavam o menino Jesus a folgar com brinquedos hebreus, há mil e oitocentos annos. Tudo deixa do de um tecto, tudo grutas limpas, espaçosas, commodas. Cansei de extranhar que personagens tanto relacionadas com a Santa Familia vivesssem sempre em grutas—em Nazareti, em Belém, em Epheso—e, todavia, mais nín-

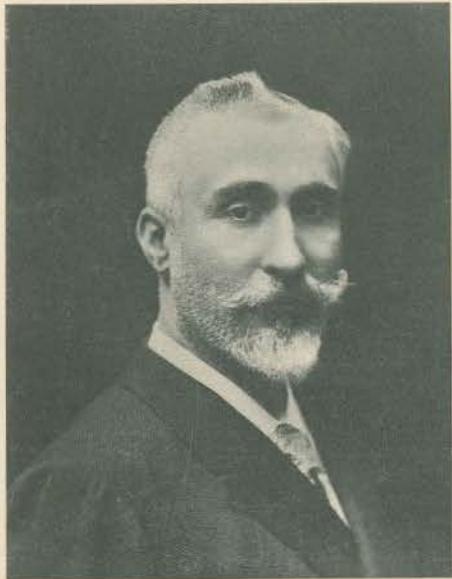
guem do seu tempo e da sua geração pensou em fazer cosa semelhante. Se porventura o fizera, as suas grutas desapareceram todas, e supponho que nos devemos admirar da especial maravilha da conservação d'aquelle em que falo. Quando a Virgem fugiu da cobra de Herodes, escondeu n'uma gruta em Belém, que se vê ainda hoje. A matança dos innocentes em Belém foi feita n'uma gruta, o Salvador nasceu n'uma gruta—ambas se mostram ainda aos peregrinos. E multissimo extraordinaire que esses tremendos acontecimentos se passassem todos em grutas—e excessivamente feliz, igualmente, porque as casas mais fortemente construidas pelo andar do tempo virão a cair em ruinas, mas uma gruta n'uma rocha viva durará para sempre. É uma impostura—esse estofo de grutas—mas por ella devem todos os homens estar em multa obrigação aos cathólicos. Em qualquer parte que descobrem uma localidade perdida, que algum sucesso da Escritura santificou, logo construem uma erigia solitária—quasi imperceptivel—e conservam a memoria d'esse lugor para satisfação das gerações futuras. Se confessasse aos protestantes executar essa obra dignissima, nem sequer saberíamos hoje onde fica Jerusalém, e todo aquello que pudesse por os pés em Nazareti seria n'este mundo um ente desmoldado instruído. Muito se deve aos católicos ate pela sua vontade de abrirem estas grutas na rocha porque é infinitamente mais satisfactorio contemplar uma gruta, onde iluminado de tem acredito, durante séculos que a Virgem viviu, do que ter de imaginar uma habitação para ella, aqui, acolá, aliém, em toda a extensão d'esta terra de Nazareti. É um paiz muito vazio. A imaginação não pode exercitarse. Não ha nenhum sítio especial que prenda o vosso olhar, captive o interesse e faça pensar. A memoria dos peregrinos não pode acabar enquanto permanecer para nós a rocha de Plymouth. São doutos os velhos monges. Sabem ecomo se põe uma escrava a uma agravel tradição para a manter no seu lugar para sempre.

Fomos ver os lugares onde Jesus trabalhou como carpinteiro durante quinze annos, o condão tentou ensinar na sinagoga, d'onde foi expulso pele multidão. N'esses lugares se elevam capelas católicas, onde se guardam os pequenos fragmentos que ainda restam das paredes antigas. Os nossos peregrinos tinham specimenis para

levar. Visitámos também uma capella nova, no meio da cidade, edificada em torno de uma lage, que tem dezois de comprido por quatro de largo; os padres descobriram ha annos que os discípulos uma vez se tinham assentado n'essa pedra para descansar, e d'ahi partiram para Capharnaum. E os padres deram-se pressa em conservar a reliquia. As reliquias são excelente propriedade. Aguardam-se vijanjas que paguem para as ver, o que elles fazem com grande prazer. Apraz-me essa idéa. A conscientia de cada um nunca ficará poer por saber que pagou a sua quota parte como um homem. Muito gostariam os nossos peregrinos de levar memorias d'aqui e de escrever os seus nomes na pedra juntamente com a das aldeias da America d'onde procedem, mas os padres não permitem nenhuma d'essas coisas. Para dizer toda a verdade, o nosso grupo raras vezes praticas tales irregularidades posto que tentamos a bordo alguns que nunca perdem occasião de o fazer. O maior pecado dos nossos peregrinos é a sua paixão pelos specimens. Supponho que a esta hora ellos conhecem as dimensões d'essa lage, sem faltar uma pollegada, e o seu peso, sem nenhuma ideia de monos, e não se me dava de apostar que elles voltaria ali esta noite para ver se a podem levar consigo.

A «fonte da Virgem» é aquella onde diz a tradição que Maria costumava ir buscar agua, vinte vezes por dia, quando era rapariga, e levava n'um cantaro à cabeça. A agua corre por umas bicas n'uma parede de antiga alvenaria, afastada das casas da aldeia. As raparigas de Nazareti ainda se reúnem ás doze em torno d'ella, com grandes risadas e folganças. Não são formosas as nazarensas. Algumas tem olhos grandes e brillantes, mas nemhum o rosto bonito. Estas raparigas usam ordinariamente um vestuário singelo, sólto, sem feltro nemhum, de cor indecis, e também em geral sem rendeirinhos. Trazem pendente do alto da cabeça, até no queixo curiosas enfiadas de moedas antigas, à moda das bellas de Tibériades, e adornos de latão na cintura e nas orelhas. Andam descalças. São as raparigas mais humanas que atí agora temos visto n'esta terra, e as mais bem formadas. Mas isso não tira que a essas donzelas pitorescas falam infelizmente atractivos.

(Continua.)



ANTONIO MAURA

Presidente do conselho de ministros de Espanha que foi ferido com uma paulada pelo anarquista Joaquim Michel, quando se dirigia para a Deputação em Barcelona no dia 12 d'abril.



ALBERTO VON STEIN



JOÃO ANTONIO PIRES VILLAR
Professor jubilado do Lycée Nacional do



ANTONIO RAMALHO

Autor do quadro *A Balinha do Bassano*, destinado
ao Museu d'Artilleria

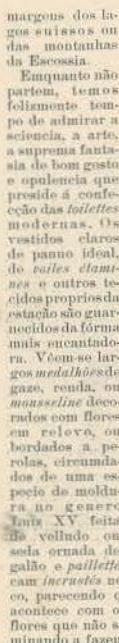
CHRONICA ELEGANTE

Pôde dizer-se agora que estamos atravessando o breve período em que a nossa sessão lisboeta *bat seu plein*. As formosíssimas tardes de primavera atraem ao Campo Grande e à Avenida a élite do nosso mundo elegante. As soberbas equipagens, os elegantes e garbosos cavaleiros, os automóveis mais bem postos cruzam as sombrias alamedas ladeadas da multidão dos passeiam-

dos passeantes que preferem o passeio a pé animado com o espetáculo alegre e festivo que estão desfrutando. Dentro em pouco começam a rarear os que dão o tom à nossa vida mundana e que com as brasas de maio vão deserto andando em busca do sol d'Itália, das rilles d'eau francesas, das frescas



卷之三



1000

de velludo ou
seda ornada de
galho e *paillettes* de ouro ou prata: estes medalhões fi-
cam incrustados no tecido do vestido do modo mais artís-
tico, parecendo que são bordados à *même*. Outro tanto
acontece com os medalhões de renda, laços, ramos de
flores que não se aplicam mas se collocam à *clair*, eli-
minando a fazença dos costurões.

Os *paletots* elegantes são igualmente um requinte de luxo e de bom gosto. Usam-se muito em paño muito claro, *champagne*, *craie*, *ciment*, *crème* ou branco com guarnições de cor viva. O *bordado* renasceu e está recuperando o seu primitivo império. E' apreciadíssimo nas *toilettes* de gênero *tailleur* que são *principalmente* adaptadas para passeio; notemos de passagem que o costume *tailleur* muito simples é quasi exclusivamente destinado para viagem, excursão ou passeio matinal. *Oai-*



1000

teur elegante de alta fantasia é feito de elementos valiosos e primorosamente enfeitado, conservando todavia no talhe a severidade e correção da linha.

Observa-se uma certa tendência para supressão do grande cabeção, já unido vulgarizado. Alguns novos modelos de casacos e corpos tem as hombrilhas muito prolongadas, escondendo o pégado da manga e aumentando a linha dos ombros que deve ser muito larga e desenhada.

descansada.
Fig. 1.—Toilette de garden party em mousseline de
seda preta com entrelaçamentos e laços de guipirê branca
incravestas. Hause-col e mangas com folhos de guipirê.
Chapéu com
grande pluma
branca.

rendre orange,
FIG. 3—Costume tailleur en
tissu côte champagne garni
de galones en
étamine vieux rose bordés de
preto e aço. Belo forrado de
crêpe de Chine
branco o chemisette branca.



三〇四